APRESENTAÇÃO PRESENCIAL - II - PSICOLOGIA E QUESTÕES SOCIAIS

“A GENTE TEM QUE DIZER QUE EXISTE”: DESAFIOS DO FAZER ARTÍSTICO NO SERTÃO EM UMA LEITURA ECOFENOMENOLÓGICA

Suely Maria Martins De Almeida (brandaosuely747@gmail.com)

Bruno Robson De Barros Carvalho (brunorobson@outlook.com)

Este trabalho tem como objetivo compreender os principais desafios vivenciados por artistas sertanejos no exercício do fazer artístico, analisando tais experiências a partir de uma perspectiva ecofenomenológica. Parte-se do entendimento de que a arte, no Sertão brasileiro, não se reduz à produção de objetos estéticos ou à inserção em circuitos institucionais, mas se constitui como modo de existir, de habitar o mundo e de produzir sentido em territórios historicamente atravessados pela colonialidade, pela precarização material e pela invisibilização simbólica. O estudo integra a pesquisa “Ser(tão) Artista: cartografia decolonial das experiências artísticas sertanejas” e foi realizado com 20 artistas do Sertão, por meio de entrevistas narrativas, analisadas segundo a Analítica do Sentido. As reflexões organizam-se em cinco núcleos de sentido interligados. O primeiro diz respeito à desvalorização social da arte, marcada pela dificuldade de reconhecimento público, institucional e simbólico, exigindo do artista constante afirmação de sua existência e legitimidade. O segundo núcleo refere-se à precarização financeira e material, que impõe instabilidade,

baixos cachês, dificuldades de acesso a insumos e a necessidade de conciliar a arte com outras formas de subsistência. O terceiro núcleo aborda as discriminações e preconceitos, atravessados por gênero, raça, sexualidade e pertencimento territorial, que antecedem o encontro com a obra e bloqueiam o aparecimento da arte no espaço público. O quarto núcleo trata das questões psicossociais, expressas em autocobrança, sofrimento psíquico, adoecimento e exaustão, produzidos em contextos pouco acolhedores à criação. Por fim, o quinto núcleo evidencia a relação com o território e a natureza, na qual o acesso à terra e à matéria-prima se apresenta como condição existencial do fazer artístico, sobretudo para artesãos e escultores, revelando vínculos éticos e ontológicos com a Terra. À luz da ecofenomenologia, esses desafios são compreendidos como efeitos de processos de desfenomenologização e desterro, nos quais a colonialidade torna invisíveis tanto os sujeitos quanto seus modos de relação com o mundo e com a Terra. Conclui-se que o fazer artístico no Sertão se configura como gesto de resistência ontológica, ecológica e política, insistindo em fazer aparecer sentidos, vínculos e modos de existir em contextos historicamente marcados pela negação dessas possibilidades.

Palavras-chave: arte; sertão; ecofenomenologia; decolonialidade; território.